A construção da identidade do outro e o pluralismo da cultura brasileira. Algumas reflexões*

(The construction of other people's identities and the pluralism of Brazilian culture. Reflections)

Martins Clemente de Brito, Elça
Eusko Ikaskuntza. Miramar Jauregia. Miraconcha, 48.
20007 Donostia

BIBLID [1137-4447 (2004), 13; 17-54]

Recep.: 04.05.04

Accept.: 25.05.04

Como país de imigração que é o Brasil, o sentido constante da assimilação e conciliação faz parte de nosso caráter nacional. Os três primeiros séculos de nossa história são de fundamental importância para a compreensão de nossa identidade, visto que neles ocorreu a primeira e fundante assimilação de fatores diversos e contrapostos que, depois, acabaram por condicionar a recepção das diversas correntes imigratórias.

Palavras Clave: Identidade Brasileira.

Inmigrazio herria dugunez Brasil, asimilazio eta adiskidetzaz zentzuak, izate nazionalaren ezaugarriak dira. Gure identitatea ulertzeko, ezinbestekoa da lehenengo hiru mendeetako historia ezagutzea, garai haietan gertatu zirenez lehenengo eta funtsezko faktore ezberdin eta kontrajarrien, nolabaiteko asimilazioak. Egoera honek, geroako inmigrazioa baldintzatuz.

Giltza-Hitzak: Brasildar nortasuna.

Siendo Brasil un pueblo de inmigración, el sentido de asimilación y reconciliación son características del ser nacional. Para comprender nuestra identidad resulta imprescindible conocer la historia de los primeros tres siglos, puesto que en aquella época tuvo lugar cierta asimilación de factores primeros y fundamentales, diversos y contrapuestos. Esta situación condicionó la inmigración posterior.

Palabras Clave: Identidad brasileña.

En tant que pays d'immigration, au Brésil, le sens constant d'assimilation et conciliation, font partie du caractère national. Les trois premiers siècles de notre histoire sont fondamentaux pour la compréhension de notre identité, étant donné qu'ils constituent la période où s'est produite l'assimilation première et fondamentale de facteurs divers et opposés qui ont fini par conditionner la réception des différents courants d'immigration.

Mots Clés: Identité brésilienne.

* Este trabajo ha contado con una ayuda a la investigación 2002 de Eusko Ikaskuntza

PRESENTAÇÃO

O presente trabalho levará em conta aspectos gerais do Brasil relacionados à sua geografia, história, flora, fauna e cultura, dando relevância à abordagem da contribuição dos imigrantes a nossos usos e costumes. Dentro dessa abordagem, destacaremos o **Pluralismo da Cultura Brasileira**, característica que está na raiz de nossas condições históricas e étnicas. Partindo das contribuições ameríndias, portuguesas e africanas, que são o cerne, o núcleo referencial da nação brasileira, verificamos como as sucessivas levas de imigrantes chegados à nossa terra mesclaram-se, desde a fase colonial, formando um amálgama cultural.

1. INTRODUÇÃO

República Federativa da América do Sul, o Brasil é o maior país do sub-continente, ocupando quase a metade de sua superfície e o 5º maior do mundo, com uma superfície de 8.547.403 km². Limita-se ao norte com a Venezuela, Guiana, Suriname, Guiana Francesa e Oceano Atlântico; ao sul, com o Uruguai; a oeste, com a Argentina, Paraguai, Bolívia e Peru e a noroeste com a Colômbia. O país tem fronteiras comuns com todos os países da América do Sul, com exceção do Chile e do Equador.

Seu litoral leste é banhado pelo Oceano Atlântico, com uma longitude total próxima dos 8.000 km. A maior parte de sua população vive junto ao litoral atlântico, em grandes cidades como São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Recife e Porto Alegre.

A língua oficial do Brasil é o Português, apesar de existirem mais de 150 línguas indígenas; esta riqueza cultural vive confinada às tribos que as falam.

Sua capital é Brasília, desde 1960 e situa-se no Distrito Federal, interior do Planalto Central. A cidade de aparência moderna começou a ser construída em 1957 em uma área desabitada, com o objetivo de promover o desenvolvimento do centro do país.

Foi projetada pelo arquiteto brasileiro Lúcio Costa, de acordo com um projeto cujo plano piloto lembra a figura de um avião. A parte que representa a fuselagem constitui o eixo principal da cidade, onde se concentram as repartições do governo do país, enquanto nas asas estão os edifícios da zona residencial e as embaixadas.

No que seria a parte da cabine localiza-se a Praça dos Três Poderes, onde estão o Palácio do Planalto, sede do executivo, o edifício do Congresso, que alberga a Câmara de Deputados e o Palácio de Justiça, sede do Supremo Tribunal Federal.

Pelo último censo realizado o Brasil possui aproximadamente 175 milhões de habitantes.

Pau-brasil – a origem do nome Brasil

Conhecida popularmente era chamada pelos indígenas de Ibirapitanga (pau-vermelho) e pelos cientistas de *Caesalpinia echinata*.

Podem medir de 10 a 15 metros. Árvores esguias e altas, de copa frondosa, das quais herdamos o nome. Originalmente ocupavam a faixa litorânea do Rio de Janeiro até o Rio Grande do Norte, hoje correm o risco total de extinção e são encontradas quase que exclusivamente em criadouros especiais. Essa árvore recebeu dos portugueses o nome de pau-brasil, devido ao seu miolo cor de brasa; o pigmento ficou conhecido como brasilina.

2. ASPECTOS GEOGRÁFICOS

2.1. Hidrografia e relevo

Uma vasta região de terras altas (Planalto Brasileiro) e a bacia do rio Amazonas são os traços fisiográficos do Brasil. A bacia do Amazonas ocupa mais de um terço da superfície do país, com grande parte coberta por florestas tropicais.

O Brasil possui a mais rica e extensa rede hidrográfica do globo devido a sua vastidão territorial. A mais extensa bacia fluvial do mundo em torno do mais caudaloso rio, o Amazonas, abrange uma área de 6,5 milhões de Km², drenando águas de 6 países, além do Brasil, onde ocupa uma área de quase 4 milhões de Km².

A bacia do Tocantins-Araguaia é a maior totalmente brasileira, com área de 803.250 km². A bacia do São Francisco, com área de 631.133 km² é uma das mais importantes do país. É denominado o “rio da integração nacional”, porque interliga as regiões de mais antigo povoamento do país o NE e o SE. A bacia do Paraná está na parte central do planalto meridional brasileiro, ocupando o 1º lugar em potencial hidrelétrico do país. A bacia Platina – formada pelo conjunto das bacias do rio Paraná, Paraguai e Uruguai, cujas nascentes se encontram em território brasileiro. A bacia do Paraguai banha terras do Brasil, Paraguai e Argentina. A bacia do Uruguai serve de fronteira entre o Brasil e Argentina e esta e o Uruguai.

O território brasileiro é constituído, de um modo geral, de estruturas geológicas muito antigas, mas também apresenta bacias de sedimentação recente. Essas bacias recentes datam do terciário e quaternário (Cenozóico, 70 milhões de anos) e correspondem aos terrenos do Pantanal mato-grossense, parte da bacia Amazônica e trechos do litoral NE e Sul do país.

O restante do território tem idades geológicas que vão do Paleozóico ao Mesozóico (1 bilhão e 140 milhões de anos) para as grandes áreas sedimentares e ao pré-câmbriano (acima de 1 bilhão de anos) para os terrenos

crystalinos. Identificamos 3 grandes unidades geomorfológicas que refletem a sua gênese: os planaltos, as depressões e as planícies.

O planalto é um altiplano erodido que ocupa a maior parte do país. Com uma altura que varia entre os 305 e os 915 m, é cortado por cadeias montanhosas e numerosos vales fluviais. O pico da Neblina (3.014 m), na Serra do Imeri, na fronteira com a Venezuela é o ponto mais elevado do Brasil.

Entre as principais cordilheiras do Planalto Brasileiro estão a Serra da Mantiqueira, onde está o Pico da Bandeira (2.890 m), a Serra do Mar, com a Pedra-Açu (2.232 m) e a Serra Geral.

2.2. Flora

O Brasil possui a maior biodiversidade vegetal do planeta, com mais de 55 mil espécies de plantas superiores e cerca de 10 biofitas, fungos e algas, um total equivalente a quase 25% de todas as espécies de plantas existentes.

A flora brasileira está espalhada por diversos habitats, desde florestas de terra firme com cerca de 30 m de altura de copa até campos rupestres e de altitude, com sua vegetação de pequenas plantas e musgos: matas de araucária, o pinheiro brasileiro no sul do país. A maior parte da flora brasileira encontra-se na Mata Atlântica e na floresta Amazônica, embora o Pantanal mato-grossense, o cerrado e as restingas também apresentem grande diversidade vegetal.

Além das espécies nativas, a flora brasileira recebeu aportes significativos de outras regiões tropicais, trazidas pelos portugueses durante o período colonial, como o arroz, a cana-de-açúcar, a banana e as frutas cítricas.

GUARANÁ

Seu nome científico é Paulínia Cupainia H.B.K. A Amazônia detém 80% da produção natural. É um tônico natural.

É uma planta trepadeira nativa da Floresta Amazônica, tipicamente made in Brazil. É uma espécie vegetal de grande importância econômica. Atualmente, a maior parte da produção destina-se à indústria de refrigerantes.

Sua flores são alvas e o fruto é vermelho, como uma cápsula, cujas sementes negras com um arilo branco o tornam geralmente reconhecível. São as sementes que contém cafeína.

Suas propriedades tônicas já eram conhecidas pelos indígenas, na época do Descobrimento do Brasil. Suas sementes são torradas e socadas, tomam a forma de bastões, que depois são ralados e transformam-se num pó, que adicionada à água é a base do refrigerante.

2.3. Fauna

A grande variedade de ecossistemas responsável pela elevada diversidade de plantas no Brasil também resulta em considerável variedade de espécies de animais sem paralelo no mundo. A fauna brasileira é riquíssima em aves, mamíferos, peixes de água doce e insetos. A fauna de peixes de água doce possui mais de 3.000 espécies, 15 vezes maior que a fauna de peixes de água doce de todo o continente europeu. Grandes áreas da Amazônia e o Pantanal ainda não tiveram sua fauna aquática estudada.

No mar brasileiro, além de mais de 5.000 de moluscos e igual número de crustáceos e outros invertebrados marinhos.

Com relação aos mamíferos são cerca de 520 espécies de mamíferos terrestres conhecidas no Brasil. Sua maior parte ocorre na região amazônica e no mar há cerca de 35 espécies de golfinhos e baleias, quase metade das espécies conhecidas no mundo.

A diversidade de aves também é muito significativa. Araras e papagaios são mais de 70 espécies. A grande variedade de plantas com flores resulta também em imensa variedade de insetos, com cerca de 10 e 15 milhões de espécies.

2.4. Clima

A diversidade climática é muito grande, devido a diversos fatores: fisionomia geográfica, extensão territorial, relevo e a dinâmica das massas de ar. Este último fator é de suma importância porque atua diretamente tanto na temperatura quanto na pluviosidade, provocando as diferenciações climáticas regionais.

3. ASPECTOS HISTÓRICOS

3.1. O descobrimento

A esquadra de Pedro Álvares Cabral, composta de 13 navios e 1.500 homens era a maior organizada até aquele momento. Partiu de Lisboa, em 9 de Março de 1500. Em 21 de Abril, avistaram os primeiros sinais de terra – gaivotas e algas. E na manhã seguinte, surgiu ao longe um monte que recebeu o nome de Monte Pascoal, por ser época de Páscoa. Cabral permaneceu 10 dias na Bahia; fizeram amizade com os índios, rezaram 2 missas. No dia 05 de Maio, a armada seguiu para a Índia. Um dos barcos voltou para Portugal para informar o rei sobre o achamento da nova terra.

Devido à abundância de uma árvore (páu-brasil) de madeira avermelhada, foi dado à nova terra o nome de Brasil. Em 23 de Julho de 1501, depois de

500 dias de viagem, apenas 6 embarcações e 500 marujos retornaram a Portugal, sob o comanda de Cabral.

3.2. A colonização

Entre 1501 e 1530, todas as expedições portuguesas enviadas às terras brasileiras tinham como objetivo apenas a exploração de nossos meios naturais. Entretanto, como os franceses não parassem de avançar sobre o Brasil, os portugueses resolveram iniciar a colonização da nova terra. Povoar o Brasil era a única maneira de garantir a posse das terras. Assim, em 1534, os portugueses resolveram colonizar o Brasil, dividindo-o em Capitânicas Hereditárias.

Essa foi a primeira divisão política do Brasil, em 15 faixas de terra horizontais administradas pelos donatários e transmitidos de pai para filho.

A colonização brasileira foi motivada por preocupações sobretudo políticas (garantir a posse da terra), pois estava sendo disputada por corsários holandeses, ingleses e franceses. Entretanto, fatores de ordem econômica também contribuíram, pois o comércio português no Oriente começava a entrar em declínio. Dessa forma, Portugal sentiu que precisava buscar novas alternativas e o Brasil foi a opção.

O sistema colonial montado no Brasil foi organizado de maneira a propiciar a máxima exploração possível da colônia, em benefício do enriquecimento da burguesia metropolitana europeia.

AS CAPITANIAS HEREDITÁRIAS

Como o governo português não tinha recursos próprios para investir no processo de colonização brasileiro, resolveu implantar um sistema em que essa tarefa fosse da iniciativa particular.

Em 1534, o rei de Portugal dividiu o Brasil em 15 grandes lotes (as capitânicas) e os entregou aos donatários (pessoas de razoáveis condições financeiras). O donatário era a autoridade máxima dentro de sua capitania. Com sua morte, a administração passava para seus descendentes.

Somente as capitânicas de Pernambuco e São Vicente conseguiram relativa prosperidade. Se do ponto de vista econômico houve fracasso, do ponto de vista político, o sistema cumpriu, de certa forma, os objetivos desejados, lançando os fundamentos iniciais da colonização portuguesa no Brasil, preservando a posse das terras e revelando as possibilidades de exploração.

O próximo passo foi a tentativa de criar na colônia um governo centralizado (governo-geral), cujo objetivo era coordenar a ação dos donatários. A sede do governo-geral foi a Capitania da Bahia e Salvador a primeira capital do Brasil, a partir de 1º de Maio de 1549.

Foram três governadores-gerais: Tomé de Souza, Duarte da Costa e Mem de Sá.

O SENTIDO DA COLONIZAÇÃO

A colonização dos trópicos toma o aspecto de uma vasta empresa comercial, destinada a explorar os recursos naturais de um território virgem em proveito do comércio europeu.

A essência de nossa formação mostra-nos que nos constituímos para fornecer açúcar, tabaco e outros gêneros; depois, ouro e diamantes; algodão, café para o comércio europeu. É com tal objetivo, voltado para fora do país que se organizarão a sociedade e a economia brasileiras.

A ECONOMIA COLONIAL

A primeira riqueza explorada pelo europeu em terras brasileiras foi o pau-brasil (*caesalpinia echinata*), madeira que existia com relativa abundância em longas faixas da costa brasileira e que praticamente desapareceu no século XVII.

Os portugueses implantam a escravidão, primeiro do índio, depois do negro. Os negros trazidos da África ajudam a consolidar a sociedade açucareira, centrada na figura do senhor de engenho.

A destruição ecológica, o desmatamento indiscriminado que atingiu nossas florestas, impulsionado pelo capitalismo selvagem, iniciou-se pela natureza predatória do sistema de exploração. Tudo era tirado, destruído e abandonado à própria sorte sem reposição alguma.

FORMAÇÃO DA SOCIEDADE COLONIAL

No início da colonização, o negro e o índio foram desprezados pelo branco europeu, que considerava a cultura e os valores desses povos como manifestações inferiores. Porém, o legado étnico e cultural de negros e índios integram de forma estrutural o que entendemos por sociedade brasileira.

O MITO DA DEMOCRACIA RACIAL

A colonização do Brasil levou à miscigenação entre três principais elementos formadores do povo brasileiro: o índio, o negro e o branco. Essas miscigenações, já no século XVI, deram origem a três tipos fundamentais de mestiços:

Caboclo ou Mameluco – resultante da miscigenação entre o branco e o índio;

Mulato – resultante da miscigenação entre o branco e o negro;

Cafuzo – resultante da miscigenação entre o índio e o negro.

Para Gilberto Freyre, autor do clássico *Casa Grande & Senzala*, o Brasil foi o palco de uma verdadeira democracia racial. A cultura brasileira seria o complexo produto de uma harmonização de influências indígenas, negras e européias.

Na realidade, essa harmonização não ocorreu, pois os laços da dominação metrópole-colônia não se restringiram ao setor econômico, alcançando também o aspecto socio-cultural.

Em razão de seu domínio político-econômico, o colonizador europeu impôs ao Brasil os padrões culturais europeus.

Muitos elementos culturais do índio e do negro se perpetuaram na vida brasileira, porque se incorporaram aos costumes do povo, sem o consentimento da classe dominante. O legado do índio e do negro foi limitado e adulterado porque foi enquadrado num contexto social em que o branco impunha as normas e seus valores.

3.3. Povos Indígenas

Atualmente, o Brasil possui cerca de 230 mil índios. Na época do descobrimento calcula-se que havia de 2 a 5 milhões de índios.

O conquistador utilizou basicamente três tipos de violência contra o índio: militar (pólvora, cavalo, aço, epidemias); econômica (escravidão, desorganização do modo de vida); cultural (destruição de crenças e dos costumes).

Havia uma grande variedade de nações indígenas, cada qual com crenças, línguas, técnicas e costumes distintos.

O índio era um ser desprendido da posse de bens materiais, porque quase todos os bens eram compartilhados: terra, alimentos.

Viviam em cabanas, as ocas, feitas de sapé ou de folhas de palmeira. O conjunto de várias ocas formava uma aldeia (ou taba). Muitas aldeias reunidas constituíam uma tribo e o conjunto de tribos formava uma nação indígena.

Os tupis, povos guerreiros, tinham o costume de matar e comer os prisioneiros de guerra, num banquete ritual – antropofagia ou canibalismo.

HERANÇA CULTURAL INDÍGENA

Alimentos: mandioca, milho, guaraná, palmito.

Objetos e utensílios: rede de dormir, jangada, canoa, armadilhas de caça e pesca, instrumentos musicais (maracá).

Vocabulário: palavras da língua tupi, como Curitiba, Piauí, caju, mandioca, jacaré, sabiá, Tietê, tatu, abacaxi, etc.

Técnicas: trabalhos com cerâmica, preparo da farinha de mandioca e do milho.

Hábitos: uso do tabaco, banho diário, diminuição de roupas.

OS ADORNOS DOS INDÍGENAS

Todos os integrantes da tribo usam adornos como diademas, brincos, tornozeleiras e o majestoso cocar do cacique, que indica sinal de poder. Usam os enfeites para participar de rituais ou para fazer visitas. Seus apetrechos são símbolos que indicam a filiação, a idade ou a posição social dos índios. Também representam elementos da fauna e da flora.

Penas e plumas de aves, cocos, sementes, taquaras, ossos, dentes e unhas de animais transformam-se em lindos arranjos da arte plumária indígena brasileira. Os índios demonstram grande perícia manual e talento artístico. Os adereços plumários não servem só para enfeitar o corpo; estão presentes também em armas, instrumentos musicais e máscaras e os utilizam em cerimônias e rituais.

A arte produzida por determinado grupo tribal distingue-se acima de tudo pelas aves. Estas são suas impressões digitais, pois a matéria-prima depende do tipo de ave encontrado em cada região geográfica. Outra característica diferenciadora do artesanato indígena é o modo de prender as plumas e as penas aos suportes. O modo de fazer arte dos índios decorre das tradições do grupo.

CACIQUE RAONI

Líder Txucarramãe, um subgrupo caiapó, de Mato Grosso. Considerado um dos principais porta-vozes dos povos indígenas brasileiros, o cacique Raoni viveu parte de sua vida na comunidade Kretire, ao Norte do Parque do Xingu, vendo a floresta amazônica ser derrubada.

Nos anos 70, resolveu denunciar as agressões ao meio ambiente e defender seus irmãos indígenas. Um documentário apresentado em Cannes, na França, em 1977, e em 1979, em Gramado, no Rio Grande do Sul, revelou ao mundo a saga dos índios brasileiros, obtendo repercussão internacional. Raoni passou a ser o embaixador das nações indígenas. Em 1989, conheceu o cantor inglês Sting e criaram a Fundação Mata Virgem – entidade cujo objetivo era angariar recursos em defesa dos índios.

3.4. O Negro e a Escravidão

Estima-se que o tráfico negreiro desembarcou no Brasil em torno de 5 milhões de escravos. O transporte dos escravos vindos da África era realizado pelos navios negreiros. Eles eram colocados nos porões desses navios, num espaço reduzido, escuro e calor insuportável e com alimentação insuficiente. Durante essas horríveis viagens, morriam cerca de 20% a 40% dos negros.

Os escravos negros que vieram para o Brasil pertenciam a dois grupos lingüísticos:

Bantos: Sul da África, Angola e Moçambique – vieram para o Rio de Janeiro, Minas Gerais e Pernambuco;

Sudaneses: Daomé, Nigéria e Guiné – vieram para a Bahia.

Na colônia, um duro trabalho lhes era reservado, à base do chicote do feitor. Trabalhavam na agromanufatura do açúcar, no plantio do algodão e do café, no extrativismo mineral, serviços domésticos, artesanato, etc.

HERANÇA CULTURAL NEGRA

Alimentos: diversos doces, feijoada, cocada, quindim, vatapá, acarajé, pé-de-moleque, caruru;

Religião: umbanda, candomblé;

Música: a música negra possui uma poderosa força rítmica, que é um dos nossos maiores valores musicais. Instrumentos musicais: atabaque, reco-reco, ganzá, agogô, berimbau, cuíca. Ritmos: sambas, maxixes, maracatus, congadas.

Vocabulário: batuque, bengala, xingar, macumba, fubá, moleque, cachimbo, quitanda, samba, chuchu, cachaça.

Ao referir-se à influência dos negros, em *Raízes do Brasil*, Sérgio Buarque menciona que “uma suavidade dengosa e açucarada invade desde cedo todas as esferas da vida colonial; o gosto do exótico, a sensualidade brejeira, a “moral das senzalas” veio a imperar na administração, na economia e nas crenças religiosas”.

3.5. O Domínio Espanhol

De 1580 a 1640, o Brasil esteve sob o domínio espanhol, em virtude do jovem rei de Portugal, D. Sebastião ter desaparecido na batalha de Alcáçar Quibir e não ter deixado descendentes. Felipe II, rei da Espanha, assume, então, o trono português e, este período é chamado de União Ibérica ou União Peninsular.

A partir de então, surgiu o Sebastianismo, a crença no regresso de D. Sebastião, que sobreviveu até o século XIX, repercutindo em Canudos (cidade do sertão da Bahia).

O domínio espanhol não trouxe alterações à administração da colônia brasileira. As mudanças deram-se no plano internacional em decorrência da guerra entre a Espanha e 7 províncias do norte europeu – Holanda.

A Invasão Holandesa

A burguesia holandesa fundou a Cia. das Índias Orientais, em 1602; e, em 1621, a Cia das Índias Ocidentais, responsável pela invasão e ocupação do nordeste brasileiro. Os holandeses participaram ativamente da empresa açucareira no Brasil e, por volta de 1620, Amsterdã era o maior centro europeu de distribuição e refinação de açúcar.

Os holandeses invadiram, primeiramente, Salvador, capital da colônia, em 1624; entretanto, cercados por terra e mar, renderam-se um ano depois. Um novo ataque holandês, desta vez a escolha foi sobre Pernambuco, a mais rica capitania da época, devido à produção açucareira, ocorreu em 1630 e renderam-se em 1654.

Portugal recupera sua independência em 1640, o que estimulou a reação contra a ocupação holandesa.

3.6. A Expansão Territorial e a Fixação de Fronteiras

OS JESUÍTAS

A Companhia de Jesus, cujos membros eram chamados jesuítas foi fundada por Ignácio de Loyola, em 1534. Era uma organização religiosa criada para deter o avanço do protestantismo e espalhar os princípios de obediência à Igreja Católica.

Aqui, os jesuítas tinham que conquistar índios e colonos, convertendo-os ao catolicismo. Para isso utilizaram a educação escolar, que enfatizou o ensino religioso, a catequização.

Os jesuítas também avançaram para o interior, fundando aldeamentos chamados de missões. Dominavam os índios e faziam-nos trabalhar na extração de riquezas naturais (guaraná, cravo, pimenta, castanha, baunilha, plantas medicinais e aromáticas), obtendo grandes lucros.

Os jesuítas eram contrários à escravidão do índio, mas admitiam a do negro. “Protegiam” os índios simplesmente para poder explorá-los à sua maneira. Mudavam os hábitos dos índios, tinham que aprender os costumes dos brancos, interferindo em sua estrutura socializante da vida tribal; eram

proibidos de praticar seus próprios costumes. Quando faziam de forma diferente, eram duramente castigados.

OS BANDEIRANTES

O governo português instituiu expedições oficiais, as entradas, com o objetivo de explorar o sertão dentro dos limites do Tratado de Tordesilhas. Havia, também, outro tipo de expedição, chamada bandeira, organizada e patrocinada por particulares. Penetrava no sertão e ultrapassava a linha de Tordesilhas, colaborando para a ampliação do território brasileiro. Essas expedições, em geral, partiam de São Paulo, que, por isso, ficou conhecida como a “capital dos bandeirantes”.

As primeiras bandeiras, a princípio, perseguiam apenas os índios que não tinham contato com o branco. Passaram a atacar também os índios já catequizados, que habitavam as missões jesuíticas. As bandeiras de apresamento de índios tornaram-se um grande negócio. Outro objetivo era encontrar ouro e jazidas de metais preciosos.

A colonização portuguesa no Brasil não respeitou o Tratado de Tordesilhas. As fronteiras expandiram-se com as missões jesuíticas, os bandeirantes e a penetração da pecuária. Diante dessa ocupação territorial, outros tratados foram feitos para oficializar a situação, os quais definitivamente fixaram as fronteiras do Brasil.

A ÉPOCA DO OURO

As primeiras jazidas descobertas em Minas Gerais provocaram uma verdadeira febre. Houve guerra, conflitos, muitas mudanças. Mas o Brasil não ficou mais rico, nem Portugal, porque esse ouro foi para nas mãos dos ingleses.

Em torno do ouro, outras atividades surgiram e importantes vilas e cidades como Vila Rica (Ouro Preto), Congonhas do Campo, Mariana, Sabará, São João Del Rei, etc.

O acesso à condição de minerador foi relativamente mais fácil do que à condição de senhor de engenho. A mineração do Brasil exigia mão-de-obra menor e menos investimentos. No NE brasileiro, a exploração do açúcar deu origem a uma sociedade rural, dominada pelos senhores de engenho.

Em Minas Gerais, a exploração do ouro fez nascer uma sociedade urbana, heterogênea. Aqui, a ascensão social era relativamente mais fácil do que no NE açucareiro. Um homem que se tornasse rico por meio da exploração do ouro podia freqüentar as altas rodas sociais, o que atenuava até nosso preconceito de raça. Rico, o negro ou o mulato tornava-se respeitável aos olhos da sociedade.

Minas torna-se o centro cultural e consumidor. Embora alguns utilizavam a riqueza no esbanjamento e desperdício, outros utilizavam-na para o requinte

intelectual. O primeiro grande movimento literário significativo (o Arcadismo) e as Artes Plásticas (Aleijadinho) e da música surgiram em Minas.

O conflito de interesses entre a colônia e a metrópole foi-se agravando e gerando grandes tensões, resultando em rebeliões. A mais importante foi a Inconfidência Mineira (189) que desejava proclamar a independência política do Brasil.

Ao entrar em contato com as idéias liberais burguesas do Iluminismo dos países europeus, os filhos das famílias mineiras mais ricas (que estudavam na Europa) passaram a comparar nossas condições políticas e econômicas com as de outros países.

Com o descontentamento, que era geral, organizou-se um grupo formado por mineiros, padres, militares e elementos da classe média. Movimento de elite, a Inconfidência Mineira não obteve êxito, pois os planos foram delatados ao governo por traidores da conspiração. Tudo isso culminou com a prisão dos conspiradores e o enforcamento de Tiradentes, que assumiu até o final o ideal de libertar o Brasil.

3.7. A Emancipação Política

Com a transferência da família real portuguesa para o Brasil, em virtude das guerras napoleônicas, começa a história de nossa independência política.

A vinda da família real e dos nobres portugueses trouxe dois problemas para o Brasil: a elevação dos preços e a dívida.

A balança comercial do Brasil era deficitária, o país comprava mais do que vendia. Era necessário recorrer a empréstimos no exterior, o que iniciou a tão famosa dívida externa brasileira. Também herdamos dessa época a inflação.

Problemas internos em Portugal, obrigaram D. João VI a regressar, deixando o governo brasileiro ao seu filho D. Pedro, nomeado príncipe-regente. A burguesia portuguesa desejava recuperar seus antigos privilégios frente ao Brasil, com a abertura dos portos em 1808 e a autonomia consolidada em 1815.

Grandes proprietários brasileiros resolveram apoiar o príncipe-regente; nascia, assim, o Partido Brasileiro. Esses homens solicitavam ao príncipe que ficasse no Brasil e não fosse para Portugal como era o desejo das Cortes de Lisboa, que prosseguiram tomando atitudes que não podiam mais adiar a independência do Brasil. Em 07 de Setembro de 1822 foi oficialmente proclamada, em São Paulo, às margens do riacho Ipiranga por D. Pedro, depois aclamado Imperador e coroado com o título de D. Pedro I.

Como foi um processo inteiramente comandado pelas classes dominantes, em nada modificou as duras condições de vida da maioria dos brasileiros e as

injustiças sócio-econômicas continuaram, como a escravidão. O Brasil saiu dos laços coloniais portugueses para cair na dominação capitalista da Inglaterra. Nossa independência foi feita pelos donos do poder.

BRASIL IMPÉRIO

As demais nações latino-americanas haviam proclamado a independência e adotado a república como forma de governo. O Brasil continuava uma monarquia e, por isso, demoraram em reconhecer nossa independência. Os Estados Unidos foi o primeiro país a reconhecê-la, em 1824, pois tinha interesse em estender sua influência sobre o continente americano.

Durante todo o Primeiro Reinado, as exportações brasileiras foram inferiores às importações. O governo passou a fazer empréstimos em bancos estrangeiros para cobrir o prejuízo da balança comercial. Vários fatores foram se somando para aumentar a impopularidade de D. Pedro I e acabaram provocando a crise que culminou com a abdicação do trono, em 7 de Abril de 1831, em favor de seu filho, Pedro de Alcântara, na época, com apenas 5 anos de idade.

O país passou por um período de Regência, com grandes turbulências, afundando-se na dependência de potências estrangeiras. Várias revoltas pipocaram em vários locais do país. O 2º Reinado, período longo, de quase meio século, foi caracterizado por relativa paz interna e razoável estabilidade política. D. Pedro II, assumiu o poder pela antecipação de sua maioridade, aos 15 anos incompletos. O desenvolvimento do império deu-se pela exportação de café e pelo sacrifício dos escravos.

A ABOLIÇÃO DA ESCRAVATURA

A Inglaterra, que no século XVIII, era a principal responsável pelo comércio de escravos em todo o mundo, no século XIX, tornou-se a principal detentora de sua abolição.

Assim, o Brasil sofreu forte pressão inglesa para acabar com a escravidão. Muitos intelectuais, jornalistas, políticos e escritores como Joaquim Nabuco, José do Patrocínio, Raul Pompéia, Luís Gama, Castro Alves participaram da campanha abolicionista. O fim da escravidão era uma exigência do capitalismo industrial e do desenvolvimento econômico do país.

Apesar de os negros terem sido libertos oficialmente, em 1888, após quase 4 séculos de escravidão, não tinham recursos financeiros para trabalhar por conta própria, não tinham educação formal para buscar uma boa posição na sociedade, nem contavam com qualquer tipo de ajuda do governo.

Por isso, a maioria dos negros continuou desempenhando o mesmo papel de antes; sendo tratados da mesma forma desumana pelos antigos proprietários. Até hoje os negros sofrem as conseqüências da escravidão.

3.8. A República

Vários fatores de ordem econômica, social e política foram responsáveis pela crise do império brasileiro. Assim, a monarquia precisava ser superada para dar lugar a um outro regime político que pudesse ser mais adequado aos problemas da época.

A missão específica da monarquia brasileira na nossa história foi a de realizar a unidade nacional e também a de preservá-la. Ao dedicar-se tanto à manutenção da unidade nacional deu pouca atenção a outros problemas, como o desenvolvimento econômico, ao estímulo à emigração, à educação pública, às escolas técnicas, etc. Daí decorreu a facilidade com que a monarquia caiu e o tranqüilo sucesso do golpe político que instaurou a república no Brasil, em 15 de Novembro de 1889.

A República recebeu como herança os problemas da monarquia, aos quais se acrescentaram os seus próprios problemas. Uma nova missão nascia: a da integração nacional.

REVOLTAS MESSIÂNICAS: CANUDOS

Surgiram alguns movimentos sociais, formados por milhares de sertanejos que fundaram importantes comunidades comandadas por um líder religioso. Tais movimentos denominados messiânicos, em geral, desenvolviam-se em áreas rurais pobres, como uma reação à miséria, à opressão e às injustiças dos mais fortes. Dentre eles, o mais importante foi o de Canudos. O Sebastianismo

O Movimento de Canudos (1893-1897), liderado por um sertanejo, conhecido como Antonio Conselheiro e considerado um enviado de Deus, pelos humildes sertanejos baianos, foi um grande movimento de revolta social. A religiosidade foi a forma encontrada por eles para rebelarem-se contra toda forma de opressão. Sob a liderança de Conselheiro, estabeleceram-se em Canudos, um velho arraial baiano, que transformou-se numa das cidades mais povoadas da Bahia. Estima-se uma população de cerca de 30 mil habitantes.

Viviam num sistema comunitário em que as colheitas, os rebanhos e o fruto do trabalho eram repartidos entre todos; não havia a cobrança de impostos, nem autoridade policial.

Tal modelo e o crescente poder do Conselheiro começaram a incomodar os fazendeiros da região, que exigiram que o governo estadual acabasse com o arraial e sua singular experiência de vida comunitária.

Várias expedições militares, não só estaduais, mas também federais foram derrotadas, porque desprezavam o poder de luta dos sertanejos. Até que um poderoso exército de 7.000 homens, organizado pelo próprio ministro da Guerra, destruiu completamente o arraial de Canudos.

Em “Os Sertões”, o enviado especial do jornal O Estado de São Paulo para a Campanha de Canudos, Euclides da Cunha relata minuciosamente todo o evento, de forma singular, dramática e magistral. O retrato de “nossa sociedade rural, na complexidade de seus elementos étnicos”, na afirmação de Estevão Cruz. É o mais vivo retrato da terra inóspita, da gente sertaneja, de suas tradições, crenças e lendas.

O CANGAÇO

A exploração perversa do trabalho do sertanejo, a prepotência dos coronéis e o drama da seca denunciavam uma situação tremendamente deprimente e desesperadora. Bandos de cangaceiros passaram a assaltar fazendas, matar pessoas e saquear armazéns. Merece destaque especial o bando de Virgulino Ferreira, o Lampião (1918-1939).

O cangaço é tido como um movimento polêmico. Para alguns, é simplesmente expressão de criminalidade. Outros, o encaram como uma forma de revolta contra a opressão social. O jagunço era o braço armado do latifundiário e o cangaceiro a ameaça ao poder estabelecido.

Ignorando a miséria gerada pelo latifúndio, a classe dominante procurava explicar a transformação da índole tradicionalmente pacífica e conformada do sertanejo. Assim, a violência no sertão era explicada por uma causa biológica, a inferioridade racial dos negros e mestiços e pelo próprio clima inóspito, bem como a índole rotineira do português.

A integração dos vários “brasis” num todo uniforme e homogêneo é a missão da República. A luta da monarquia foi a de construir a “pátria grande” e a da República a “grande pátria”.

O Brasil com a República trocou a bandeira, ganhou nova constituição, separou a Igreja do Estado. Entretanto, a estrutura social e econômica manteve-se: os ricos mantiveram-se em sua exploração e os pobres continuaram em sua miséria.

A riqueza nacional continuou concentrada em algumas poucas mãos. O governo da república tinha um caráter conservador, voltado para interesses capitalistas.

Os militares brasileiros sofreram grande influência das idéias positivistas de Auguste Comte. O Positivismo cria que o capitalismo industrial e a evolução das ciências representavam o progresso da humanidade. As conseqüências negativas, como a exploração dos operários e a destruição da natureza eram minimizadas e justificadas pelos positivistas.

O anteprojeto da 1ª Constituição da república baseava-se na Constituição norte-americana. Seus dispositivos fundamentais consistiam:

Forma de Governo: República. O presidente, governadores, prefeitos, deputados, senadores e vereadores exerceriam seu mandato por tempo limitado e seriam eleitos pelos cidadãos.

Forma do Estado: Federalismo, com a transformação das províncias em estados-membros e autonomia para eleger governadores e deputados estaduais, com uma Constituição própria, sem, entretanto, contradizer a Constituição Federal.

Sistema de Governo: Presidencialismo. O Presidente da república seria o Chefe do Governo e o Chefe do Estado, exercendo o cargo com o auxílio dos ministros de Estado.

Ao longo da república, o Brasil enfrentou vários problemas. Tivemos o governo ditatorial de Getúlio Vargas (1937 a 1945), quando ele impõe o Estado Novo. Um período democrático e a volta de Getúlio ao poder, desta vez pelo voto popular. Ao sofrer forte oposição da alta burguesia, de políticos ligados a UDN e da imprensa, Vargas suicida-se, em agosto de 1954.

Novas eleições presidenciais são realizadas e assume Juscelino Kubitschek de Oliveira. Seu governo foi marcado por diversas realizações administrativas e a priorização de cinco setores fundamentais: energia, transporte, alimentação, indústrias de base e educação. Construção de usinas hidrelétricas, instalação de diversas indústrias, como a automobilística, abertura de rodovias, ampliação da produção de petróleo e a fundação da cidade de Brasília, como a nova capital do Brasil. Todas essas obras foram feitas à custa de empréstimos e investimentos estrangeiros, com sensível aumento da dívida externa brasileira. Para uns, sua política era modernizadora, mas desnacionalizadora. Nessa época, houve a elevação da inflação, prejudicando a classe trabalhadora, a migração de milhões de brasileiros para as cidades.

Foi, entretanto, um governo marcado pela garantia das liberdades democráticas. O Brasil ganhou a Copa do Mundo de Futebol, na Suécia, a baiana Marta Rocha venceu o concurso de Miss Universo e a auto-estima nacional foi consolidada. Eram os “anos-dourados”, a “era do rádio”, veio a bossa-nova.

Juscelino foi sucedido na presidência por Jânio da Silva Quadros, que obteve uma espetacular vitória eleitoral. Jânio conseguira simpatia junto às massas populares, pois prometia “varrer” toda a sujeira de nossa administração pública. Procurou realizar uma política externa independente, aproximando-o dos países socialistas, como a China e a União Soviética. Essa política foi duramente criticada pela oposição conservadora e chegou ao auge quando Jânio concedeu “Che Guevara” com a mais importante comenda brasileira, a Ordem do Cruzeiro do Sul. Não resistindo às pressões políticas, renunciou ao cargo de presidente da república em 25 de agosto de 1961.

Seu vice, João Goulart assume em 7 de setembro de 1961, em meio a muitas controvérsias, pois era acusado de “perigoso comunista”. Para que o país não fosse levado a uma guerra civil, o presidente teve que aceitar o sistema parlamentarista, com a indicação de um primeiro-ministro pelo Legislativo, que foi Tancredo Neves. Um plebiscito foi realizado e o povo votou contra o parlamentarismo. Goulart assumiu plenamente o poder presidencialista, reforçando sua tendência nacionalista e política externa independente.

As classes trabalhadoras mobilizavam-se cada vez mais contra a exploração das classes dominantes. Os grandes empresários uniram-se aos militares e João Goulart é deposto, em 1º de Abril de 1964, exilando-se no Uruguai. Começava uma longa ditadura militar.

De 1964 a 1985, a nação brasileira esteve sob o governo ditatorial de vários militares. Foi um período de intensa repressão aos líderes políticos, considerados inimigos da nova ordem, cassação de mandatos, suspensão de direitos políticos. Decretação do AI-5 (Ato Institucional nº 5), o mais terrível instrumento de força lançado pelo regime militar, que dava poderes totais ao presidente da república para reprimir e perseguir oposições, como fechar o Congresso Nacional, as Assembléias Legislativas e as Câmaras de Vereadores, intervir nos estados e municípios, etc. Todos os poderes conferidos ao presidente pelo AI-5 podiam ser praticados sem qualquer apreciação judicial. Vários intelectuais, artistas e os jovens brasileiros opuseram-se e reagiram ao momento político nacional. Surgiram vários grupos guerrilheiros que se lançaram à luta armada e tudo o que desagradasse ao governo era severamente censurado.

O fracasso do modelo político-econômico do regime militar evidenciou-se durante o governo do general Figueiredo. Elevadas taxas de inflação, endividamento externo astronômico e déficit público das empresas estatais. Vários setores da sociedade passaram a reivindicar uma mudança para o país.

O Brasil encaminha-se novamente para a vida democrática. Caiu a censura, veio a anistia, novos partidos foram criados, grandes comícios organizados exigindo Diretas-Já pra presidente da república. Tancredo Neves é eleito indiretamente para presidente. Entretanto, adoeceu antes da posse, vindo a falecer dias depois. Assumiu seu vice, José Sarney, antigo colaborador do regime militar. Com a maior dívida externa do mundo e a explosão da inflação, a democracia foi sobrevivendo. A nova Constituição Federal foi aprovada, em 1988 e o poder foi para Fernando Collor, eleito pelo voto popular. Dois anos depois, houve o impeachment de Collor, acusado de corrupção, assumindo seu vice, Itamar Franco.

De 1994 a 2002, o Brasil foi governado por Fernando Henrique Cardoso, eleito, ambas as vezes, pelo voto popular. Seu modelo econômico neoliberal primou pela “estabilização econômica”, entretanto com a estagnação do crescimento.

Nas últimas eleições, realizadas em 27 de Outubro próximo, foi eleito pelo voto popular para presidente da república, com uma das maiores votações da história, Luiz Inácio Lula da Silva, ex-metalúrgico, do PT, Partido dos Trabalhadores, de ideologia de centro-esquerda. É a primeira vez que o Brasil tem um presidente de origem popular. Nosso passado sebastianista faz com que o presidente da república carregue o fardo de salvador da pátria. Seu maior desafio é retomar o crescimento e corrigir as injustiças sociais.

“O sucesso do ex-metalúrgico Luís Inácio Lula da Silva em sua quarta tentativa de chegar à Presidência da República representa mais do que o triunfo da persistência – é a vitória do improvável. O imigrante nordestino que desembarcou em São Paulo montado num pau-de-arara chega ao Planalto ostentando não só o mérito de ter vencido a lógica que condenou tantos como ele à exclusão como o de ter virado de cabeça para baixo o script da trajetória política convencional.” (Revista Veja, 30/10/2002).

4. ALGUNS ASPECTOS CULTURAIS

4.1. Gastronomia: Feijoada, uma fina iguaria

A feijoada é o prato típico brasileiro por excelência. Sua origem é a senzala, no Brasil colônia. Seus ingredientes são: arroz, feijão, carne de porco, couve, farofa e laranja. É saboreado em todo o Brasil, com algumas variações. Seu tempo de preparo é de 2 a 3 horas.

Considerada o prato típico mais tradicional da cozinha brasileira e bastante apreciado no exterior, a feijoada nasceu da fome dos escravos, no Período Colonial.

Os escravos, submetidos a esforços sobre-humanos diariamente, alimentavam-se do que sobrava na casa-grande –a buchada e as partes do porco que não eram aproveitadas no abate: o rabo, as orelhas, os pés e as costeletas do animal. O paio, a lingüiça e um pouco de carne-seca –chamados os “pertences da feijoada” são também acrescentados, em São Paulo. No Nordeste, acrescentam quiabo, maxixe e abóbora.

As misturarem a carne de porco ao feijão durante o seu cozimento, os escravos obtinham uma refeição bastante nutritiva, que lhes proporcionava o sustento e a força. Serve-se com farinha de mandioca –um arbusto originário da América do Sul, cujos tubérculos, já utilizados pelos indígenas, ricos em amido, constituem ainda hoje o alimento básico em muitas regiões. Serve-se, também, com couve picada bem fininha e refogada e laranja em pedaços para cortar o excesso de gordura.

Como é um prato de difícil digestão, há um ditado popular que diz: depois da feijoada, o melhor é tirar uma pestana!

RECEITA DE FEIJOADA COMPLETA

Ingredientes:

½ Kg. de carne seca; 2 ou 3 paiois; 300 g. de lingüiça de porco;

200 g. de costela de porco defumada; 300 g. de língua, rabo, orelhas de porco; 1 pé de porco; um pedaço de toucinho defumado;

2 cebolas grandes, raladas; 3 dentes de alho, esmagados; 3 folhas de louro;

1 copo de suco de laranja; 1 Kg. de feijão-preto; sal.

Preparo:

1. Ponha todas as carnes de molho. No dia seguinte, dê uma fervura, jogue fora a água engordurada. Se for o caso, e quiser uma feijoada magra, retire todo o sebo, pelancas, tudo quanto for gordo das carnes. Reserve.
2. Ponha o feijão para cozinhar (na água em que ficou de molho), acrescentando sal e pimenta-do-reino. Quando o feijão estiver cozido, faça um refogado à parte com pedacinhos de toucinho, alho e cebola e tempere o feijão, colocando uma ou duas conchas só grão e esmagando para fazer tomar o gosto dos temperos. Ponha a folha de louro, junte o feijão com as carnes e defumados fervidos. Acrescente 1 copo de suco de laranja, para “cortar” a gordura.
3. Sirva com **couve picada à mineira**, arroz branco, farinha de mandioca torrada e pedacinhos de laranja, sem as peles.
4. Atenção: quem não goste de rabo, línguas, orelhas e pés de porco, poderá suprimi-las e colocar mais paio e lingüiças.

OBS: **Couve à mineira:** Depois de bem lavadas, pique a couve o mais fino possível. Escalde-a em água fervente. Ponha uma colher de óleo ou um pedacinho de toucinho defumado para derrete no fogo, doure dois dentes de alho esmagados e jogue a couve, salgue e abafe.

4.2. Folclore

O BERIMBAU E A CAPOEIRA

O berimbau, instrumento musical, trazido ao Brasil pelos escravos bantos de Angola, é o acompanhamento musical da capoeira e seu coração. Reforçado pelas palmas cadenciadas, cria a atmosfera da luta e dá ritmo à dança dos lutadores e não pode faltar na roda dos lutadores de roupa branca. Cada um

tem que se esquivar do outro. A luta termina quando um dos jogadores se desequilibra e cai no chão.

O BUMBA-MEU-BOI

É um bailado popular de São Luís do Maranhão, Ceará, Sergipe e Santa Catarina. É a dança mais folclórica do Brasil, também conhecido como Boi-Bumbá. Criada por influência das culturas européia, africana e indígena, o auto acontece entre o Natal e o Dia de Reis, em 6 de Janeiro e pede instrumentos e vestimentas também folclóricas: máscaras feitas com veludo, miçangas e espelhos, além de sanfona, gaita, violão, tambores e rabeca.

O enredo baseia-se na história de um escravo negro chamado Pai Chico, que vivia numa fazenda. Sua mulher estava grávida e tinha uma vontade incontrolável de comer língua de boi. Pai Chico com medo de que a mulher perdesse o bebê tratou de matar o melhor boi da fazenda.

O dono ao perceber o sumiço do animal mandou vaqueiros e índios procurarem o escravo. Localizaram Pai Chico e o boi que não tinha morrido, mas estava doente. Ao saber do motivo do sumiço do boi, o dono da fazenda perdoou o escravo e tudo terminou em festa.

CARNAVAL

É a mais importante e significativa festa folclórica e popular do Brasil. Rito simbólico de uma sociedade coercitiva, com substrato caótico, propõe desrespeitar os códigos sociais durante 3 dias. As significativas são as das cidades do Rio de Janeiro, Olinda, Recife e Salvador.

Carnaval das escolas de samba: corresponde à massificação da sociedade urbana. Um espetáculo grandioso que envolve milhões de reais, sociedades lucrativas dedicadas a organizá-lo voltada, exclusivamente e, à produção dos materiais necessários. Tem também um caráter social, pois a maior parte dos componentes das escolas de samba e aqueles que trabalham na confecção das indumentárias e apetrechos são das favelas cariocas.

4.3. Esportes

FUTEBOL

O futebol é considerado o esporte mundial por excelência, pois é o mais praticado no mundo e o mais popular. O Brasil é o atual detentor do maior número de Copas Mundiais - o Penta Campeão: 1958, 1962, 1970, 1994, 2002.

Para o brasileiro, o futebol assume uma dimensão social muito relevante. Uma grande parte dos jogadores brasileiros é de origem sócio-econômica

humilde. As crianças, principalmente, as mais carentes são incentivadas ao futebol, desde pequenas.

5. A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

Ao conhecermos alguns aspectos físicos e humanos do Brasil, verificamos tratar-se de um país de extrema diversidade. Diversidade em relação ao seu clima, sua flora e fauna e, também, em relação ao seu povo.

Creemos ser relevante para o estudo em questão, para que possamos entender um pouco melhor o Pluralismo da Cultura Brasileira, refletirmos especificamente sobre o povo brasileiro, sua formação, suas características.

Ao longo de nossa história, muitos estudiosos perseguiram e ainda se está em busca de uma imagem do Brasil. O que somos, nós, brasileiros? Quem somos enquanto nacionalidade? O que nos caracteriza como povo? Que imagem temos do Brasil? E se essa imagem corresponde à realidade?

Como indivíduos, nossa identidade pessoal, saber nossas origens, quem somos constitui questão ontológica da maior importância. Da mesma forma, pensarmos-nos como povo, leva-nos a uma reflexão diacrônica e sincrônica, porque o que somos hoje é fruto de um existir no tempo e no espaço, ao longo da história.

“Despertar a la historia significa adquirir conciencia de nuestra singularidad, momento de reposo reflexivo antes de entregarnos al hacer”¹. Essa singularidade de ser transforma-se em consciência interrogante, segundo Octavio Paz. Por isso, os povos em crescimento se voltam sobre si mesmos e manifestam, ao longo da história, seu ser como interrogação: o que somos e como realizaremos o que somos?

5.1. Os Estereótipos

Segundo os estudiosos, a existência de “traços” psicológicos em raças, nações ou povos, pouco ou nada têm a ver com a verdade. Certas “leituras” sejam de cunho antropológico, sociológico, psicológico ou etnológico acabam por conduzir à proposta de um estereótipo a partir do qual todo um povo começa a ser definido. Por isso, é necessário ter cautela ao fazer determinadas afirmações, porque poderemos incorrer em graves equívocos. Até mesmo porque muitas concepções estão vinculadas a um determinado momento histórico e a certas teorias que estão em voga num dado momento, quando não são resultantes de pontos de vista subjetivos e servem, inclusive, a interesses de outras nações.

1. Octavio Paz, *El laberinto de la Soledad*, p. 9.

Há um desses estereótipos aplicado ao brasileiro que o define como uma figura jovial e galante, que sempre busca um “jeitinho” para tudo. Esse famoso “jeitinho brasileiro”, na realidade acaba por traduzir uma certa irresponsabilidade e o gosto de “levar vantagem” em tudo dizem sintetiza a alma brasileira, uma verdadeira obsessão pela esperteza. Evidentemente, trata-se de uma caricatura que retrata traços de personalidade, bastante difundida na década de 70 e 80. Foi bastante conhecida como a “Síndrome de Gerson”, em virtude do personagem da propaganda ser o jogador de futebol Gerson.

Reiterando esse estereótipo, expressões como “O Brasil não tem jeito” ; “O Brasil não é um país sério” – trazem-nos um sentimento de inferioridade, principalmente quando nos comparamos a outras nações. Este sentimento remonta às nossas origens históricas, ou seja, advém de nossa própria constituição como povo estar calcada na ilegitimidade. Degredados portugueses que se uniram às índias deram origem a descendentes sem nenhuma estirpe.

O brasileiro carrega em si o estigma da ilegitimidade. Por isso, de certa forma, o brasileiro não assume sua nacionalidade, não sabe bem o que é ser brasileiro e se mimetiza idealizando o “outro”, o estrangeiro. Ridiculariza-se a si próprio, desvaloriza as suas próprias coisas e sente-se inferiorizado, valorizando o importado, o que é de fora. No século XIX, importava o mobiliário, a arte e a literatura da França. No século XX, principalmente o jovem imita o americano e valoriza tudo o que é americano. A não-valorização de nosso país, de nossa terra, de nossos valores leva-nos a perder a identidade e as próprias referências.

Ao buscar suas raízes, o brasileiro enfrenta-se a um paradoxo: descobre-se e sente-se estrangeiro em sua própria terra. “... somos ainda hoje uns desterrados em nossa terra”².

Carlos Drummond de Andrade transformou em matéria poética esse paradoxo:

“O Brasil não nos quer! Está farto de nós!

Nosso Brasil é no outro mundo. Este não é o Brasil.

Nenhum Brasil existe. E acaso existirão os brasileiros?”³

Euclides da Cunha também já havia utilizado a idéia do exílio, em “Os Sertões”, ao referir-se ao desconhecimento dos brasileiros do litoral em relação aos brasileiros do sertão. Em outra obra, ele escreve: “Naqueles lugares, o brasileiro salta: é estrangeiro: e está pisando terras brasileiras”⁴.

2. Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*, p. 3.

3. Carlos Drummond de Andrade, *Sentimento do Mundo*, 105

4. Euclides da Cunha, *À Margem da História*,

A existência de dois brasis, o do litoral civilizado e o do sertão ainda em plena fase colonial, dois mundos separados não pela natureza, mas por séculos de evolução histórica e social. Ninguém antes de Euclides da Cunha apontara o “contraste entre o nosso modo de viver e o daqueles rudes patrícos”, mais estrangeiros nesta terra do que os imigrantes da Europa. Modos antagônicos de viver e de ver o mundo traduziram-se no movimento messiânico de Canudos.

O brasileiro parece sempre conceber-se através do alheio, como se fosse um permanente exilado; exilado em sua própria terra. Existe um “medo” do estar consigo mesmo, de sermos nós mesmos, que nos impele para o outro, que se, por um lado, traduz aspectos negativos; por outro lado, aceita o “outro” como superior, melhor. Pode ser que essa idealização do que é estrangeiro contribua para o clima de cordialidade que se instaura na receptividade ao “outro”.

Um dos objetivos do Movimento Modernista, cujo marco inicial foi a Semana de Arte Moderna, em 1922, na Cidade de São Paulo, era reagir criticamente contra os padrões arcaicos e à invasão cultural estrangeira que despersionalizava o Brasil. O Manifesto Antropofágico – documento lançado pelos modernistas – propunha a deglutição (aproveitamento de tudo o que fosse útil) da cultura estrangeira, ficando fiel à própria raiz nacional. “Tupi or not tupi, that is the question”. O antropófago pratica um ato religioso; ao devorar o outro se apodera das qualidades do devorado.

Talvez essa proposta nos permita refletir um pouco mais sobre a pluralidade da cultura nacional. Essa forma de ritualizar a relação com o outro, absorvendo suas características e influências denunciam na própria literatura que o brasileiro quer assumir aquelas qualidades que julga importantes e que o outro possui. Existe uma nova racionalidade, uma nova maneira de pensar o Brasil e a própria história.

Macunaíma o herói, sem caráter, obra de Mário de Andrade, talvez possa contribuir para aprofundar nossa compreensão da identidade nacional. Seu autor, profundo estudioso e conhecedor do folclore, lendas e mitos da cultura popular, procura, sobretudo, documentar a psicologia do brasileiro. Os valores éticos apresentados, em Macunaíma, são a fusão de elementos da estrutura psicológica e social do índio, do branco e do negro, que resultou no sincretismo religioso e cultural, no lirismo melancólico e na realização humana no plano ideal, permeada de preguiça, sonhos e palavras. Está, pois, o herói preso a um **dever ser**, a um realizar-se no futuro, jogando sempre no plano ideal, deixando o exercício de suas próprias possibilidades.

Daí sermos eternamente o “país do futuro”. Como cantamos em nosso Hino Nacional: “Deitado eternamente em berço esplêndido” / Gigante pela própria natureza / És belo, és forte, impávido colosso/ Se o teu futuro espelha essa grandeza...” Estamos aguardando sempre esse tal futuro glorioso, que possa vir a acontecer e mudar nossa trajetória.

Macunaíma é, pois, o anti-herói, produto de uma sociedade indefinida. A busca de uma raiz legítima para o brasileiro em sua própria cultura é a integração dos valores que compuseram e dos que compõem o povo brasileiro.

Macunaíma traz em si a percepção fragmentária do universo; reflete a própria desintegração do sentido de realidade também típica de nosso século, fazendo emergir o estatuto da ambivalência que expressa a relatividade das coisas e do mundo. Há a busca de uma raiz legítima para o brasileiro em sua própria cultura, na integração dos valores que constituem o povo brasileiro. Propõe a identificação com suas raízes e o aproveitamento da contribuição estrangeira como enriquecimento.

Certos traços do caráter da personagem Macunaíma denunciam traços do caráter do brasileiro. Por exemplo, "(...) De primeiro passou mais de seis meses não falando. Si o incitavam a falar exclamava: Ai! Que preguiça! ..."5.

Macunaíma sabia falar, pois o que diz o texto é que ele passou mais de seis meses **não falando**, ou seja, ato voluntário. Macunaíma não é descrito como um mau caráter, mas um herói sem nenhum caráter. O que é um herói sem nenhum caráter?

Na passagem seguinte há uma alusão à origem das raças. "O herói depois de muitos gritos por causa do frio da água entrou na cova e se lavou inteirinho. Mas a água era encantada (...). Quando o herói saiu do banho estava branco louro e de olhos azuizinhos, água lavava o betume deles. Jigüê se atirou na água também e também Maanape. E assim os 3 irmãos ficaram: um louro, um vermelho e outro negro"6. Verificamos a presença do branco, do índio e o negro. Ficaram diferentes, mas eram ainda irmãos.

5.2. Referencial Histórico: As matrizes Formadoras

Para compreendermos um pouco esse "caráter" brasileiro, necessitamos de um referencial histórico. A própria constituição étnica do povo brasileiro, na qual três grupos humanos básicos entram em sua formação: o português, o índio e o negro.

A formação multi-étnica de Portugal, considerado um verdadeiro caldeirão de raças, está na raiz de nossa assimilação e conciliação, fazendo parte de nosso caráter nacional.

Por volta do 7º século a. C., Portugal era habitado por tribos que apresentavam algum parentesco étnico e cultural com as populações setentrionais da África. Entretanto, gregos e fenícios visitavam constantemente esta região. No século V a.C., Portugal é invadido pelos celtas, dando-se início

5. Mário de Andrade, *Macunaíma*, p. 9.

6. *Ibidem*, p. 30.

a um amplo processo de miscigenação. Os visigodos também o invadem por 3 séculos; os romanos por 6 séculos e, finalmente, os árabes por 5 séculos. Dessa forma, Portugal sofreu todas as invasões. O português seria, depois, o marinheiro que iria devassar os oceanos, o produto de todas as raças e o irmão de todas as gentes.

Essa extraordinária “plasticidade social” do português, traduzida na ausência praticamente completa de qualquer orgulho de raça, talvez, possa ser explicada pelo fato de serem eles próprios na época do descobrimento do Brasil um povo de mestiços. Por isso, a mestiçagem não constituiu na colonização portuguesa fenômeno esporádico, mas um processo normal.

O português (o encontro de raças históricas) cruza-se com o ameríndio sul-americano (confluência de migradores pré-históricos) e o elemento africano ou negro (também proveniente de diversos lugares). Nesta confluência racial, o produto de todas as misturas – o brasileiro.

Estes povos, pertencendo a diferentes raças, etnias e grupos lingüísticos em estágios diferentes de desenvolvimento cultural e social e diferentes religiões formam o povo brasileiro, adicionando-se as contribuições dos imigrantes das mais diversas partes do mundo. O povo brasileiro torna-se, assim, o produtor de um clima de democracia racial, conhecido em todo o mundo e que se tornou o elo entre tantos povos.

5.3. O Homem Cordial

Sem dúvida, um traço de personalidade que marca o brasileiro é a **cordialidade**, no sentido etimológico da palavra. O brasileiro faz as coisas com a emoção, com o coração. Sérgio Buarque de Holanda, em *Raízes do Brasil*, destaca muito bem essa característica. “Já se disse, numa expressão feliz, que a contribuição brasileira para a civilização será de cordialidade – daremos ao mundo o “homem cordial”. A lhanza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam, representam, com efeito, um traço definido do caráter brasileiro, na medida, ao menos, em que permanece ativa e fecunda a influência ancestral dos padrões de convívio humano, informados no meio rural e patriarcal. Seria engano supor que essas virtudes possam significar “boas maneiras”, civilidade. São antes de tudo expressões legítimas de um fundo emotivo extremamente rico e transbordante”⁷.

Nas relações entre raças também podemos destacar um relacionamento que vai muito além da coexistência pacífica. Há, realmente, um relacionamento de afeição, de cordialidade. Nas palavras de Pero Vaz de Caminha ao rei de Portugal, por ocasião do descobrimento do Brasil, já se nota uma apreciação, uma admiração com relação aos índios.

7. Sérgio Buarque de Holanda, op. cit., pp. 106-107.

Todos os imigrantes encontraram um clima de muita receptividade e de convivência amistosa no Brasil. Os imigrantes da Europa (italianos, bascos, espanhóis, alemães, poloneses, russos), do Oriente Médio (libaneses, sírios), do Extremo Oriente (chineses, japoneses, coreanos), todos eles convivem num clima de harmonia e paz. Mesmo aquelas populações que, em seus lugares de origem, viviam um clima de discriminação racial, no Brasil encontraram um relacionamento amistoso, contribuindo para que eles próprios se tornassem mais abertos e amigáveis.

Esse espírito de cordialidade, dos laços de sangue e de coração emana do círculo familiar; as relações familiares forneceram o modelo obrigatório de qualquer composição social entre nós. “No ‘homem cordial’, a vida em sociedade é, de certo modo, uma verdadeira libertação do pavor que ele sente em viver consigo mesmo, em apoiar-se sobre si próprio em todas as circunstâncias da existência. Sua maneira de expansão para com os outros reduz o indivíduo, cada vez mais, à parcela social, periférica, que no brasileiro – como bom americano – tende a ser a que mais importa. Ela é antes um viver nos outros”⁸.

Toda essa tendência à cordialidade, à supremacia da emoção no trato interpessoal advém de uma influência ancestral ibérica; o português também afastava-se do ritualismo e o próprio sincretismo religioso é uma manifestação de tal falta de rigor ritualístico; a mistura do culto afro-ameríndio ao catolicismo o demonstra bem.

Linguisticamente, a utilização dos diminutivos mostra-nos essa tendência à familiarização, tornando a todos mais íntimos. O brasileiro tem as suas formas de convívio motivadas por uma ética de fundo puramente emotivo, e, por isso, “... esse modo de ser parece refletir-se em nosso pendor acentuado para o emprego dos diminutivos. A terminação “inho” , aposta às palavras, serve para nos familiarizar mais com as pessoas ou os objetos e, ao mesmo tempo, para lhes dar relevo. É a maneira de fazê-los acessíveis aos sentidos e também de aproximá-los do coração”⁹.

Aqueles que estão acostumados a um ritualismo mais formal pode até parecer desrespeitosa a tendência de distância ao ritualismo e a cordialidade que também se reflete na religiosidade. Tais traços devem-se à própria forma de colonialismo, pois “Entre nós, o domínio europeu foi, em geral, brando e mole, menos obediente a regras e dispositivos do que à lei da natureza. A vida parece ter sido aqui incomparavelmente mais suave, mais acolhedora das dissonâncias sociais, raciais e morais”¹⁰.

Se compararmos as colonizações espanhola e portuguesa na América, verificamos formas diferentes de “ser” e de “estar” com o outro. Tal comparação pode ajudar-nos a refletir um pouco mais sobre como nosso

8. Sérgio Buarque de Holanda, op. cit., p. 108.

9. Ibidem, p. 108.

10. Ibidem, p. 22.

processo de colonização contribuiu para dar-nos uma feição diferente e especial no convívio com o outro.

“A aparente descentralização que vamos encontrar nas terras castelhanas de aquém-mar é como um reflexo da carência de verdadeira unidade nacional (...) que se verifica pela mesma época nas terras européias submetidas à coroa de Castela”¹¹. Dessa forma, segundo Buarque, a expansão castelhana no Ultramar configura sua “fisionomia imperial” que reflete a contradição que ocorre na própria península. Já Portugal, que apresenta uma fisionomia “moderna” em sua monarquia, com uma centralização mais acentuada, procura tanto quanto possível espelhá-la na administração colonial.

Nas conquistas ultramarinas, os castelhanos demonstram um agudo senso do “maravilhoso” e do “mistério” ao entrar em contato com os mundos distantes e ignorados. A crença na proximidade do Paraíso Terreal, na época de Colombo, é uma espécie de idéia fixa, que acompanha e persegue a atividade dos conquistadores de Espanha. As descrições de Colombo estão impregnadas dessas “visões do paraíso”. Em contrapartida, os portugueses com seu tosco realismo inauguraram novos caminhos ao pensamento científico; exorcizando os demônios e fantasmas que tinham povoado por milênios esses outros “mundos”, acabaram por “eliminar erros e prejuízos”, possibilitando o acesso à verdade, que foi, sem dúvida o resultado mais positivo dos descobrimentos.

O mundo lendário, impregnado de mitos, lendas, eldorados, instaurado pelos castelhanos em suas conquistas tende a enfraquecer-se quando se penetra na América lusitana. Algumas lendas, no mundo português, assumem uma feição menos fantástica. Podemos verificar a grande diferenciação entre a América Espanhola e a América Lusitana, resultado da própria constituição e das fisionomias de espanhóis e portugueses. Poderíamos resumindo dizer que há uma tendência ao realismo, no caso português em contraposição ao imaginativo do espanhol.

5.4. Realidade e Sensações

“É com o coração que se vê corretamente; o essencial é invisível aos olhos”, afirmou Antoine de Saint Exüpery. Esse olhar com o coração para o outro proporciona uma riqueza emocional imensa, possibilitando um sair de si mesmo e uma tentativa de apropriar-se de outras visões, de outros olhares, de outras formas de ser e de conceber a realidade. Realidade, que segundo, Dr. Alfredo Soeiro, em seu excelente livro *Realidade Emocional*, é sempre emocional, no sentido de que o homem sempre constrói versões da realidade devido à incapacidade de percebê-la como realmente é.

“Lo que nos caracteriza y diferencia de la inteligencia artificial es la capacidad de emocionarnos, de reconstruir el mundo y el conocimiento a partir

11. Idem, *Visão do Paraíso*, p. 316.

de los lazos afectivos que nos impactan”¹². O componente afetivo presente em todas as manifestações da convivência interpessoal é o que nos caracteriza como seres humanos e jamais máquina alguma poderá suplantá-lo. Como seres humanos que se relacionam temos a capacidade para promover modificações em nós próprios e no ambiente no qual estamos.

Desde esse ponto de vista, também o poeta cria imagens, constrói imagens, cria realidades virtuais através das palavras. Fernando Pessoa diz “O que em mim sente está pensando”. Para ele, a via de acesso à razão é a emoção. “Nada passa pela razão que não tenha passado pelos sentidos”. Por isso, “o poeta é um fingidor”- aquele que finge, que cria ficções, que cria com base na imaginação. O poeta transfigura, transforma o seu sentimento. “Nada existe, não existe a realidade, apenas sensação”.

Um dos aspectos cruciais que permeia a obra de Pessoa é a incessante ânsia do conhecimento. O poeta coloca-se como um investigador da possibilidade ou não do conhecimento; problema que se configura na própria crise da modernidade. Por isso, uma de suas maiores inquietações está em como conhecer e apreender o real. O “eu” pessoal, empírico coloca-se como o grande obstáculo entre o poeta e a busca da apreensão do verdadeiro conhecimento. Essa profunda ânsia de conhecer leva o poeta a sondar continuamente a sua própria consciência das coisas e quanto mais se aprofunda no eu, mais se vê reduzido a si mesmo e, ao mesmo tempo, mais distanciado de sua própria identidade.

Para Pessoa é apenas através da soma de “visões” e “verdades” que ele pode conseguir uma imagem do universo. Por isso, ele afirma: “...multipliquei-me para me sentir”. Para me sentir, precisei sentir tudo,...”. Esse sentir tudo tem a ver com o imigrante e também com o brasileiro, no sentido de que o imigrante é um ser que também se multiplica para absorver a cultura na qual vai viver e, no caso do brasileiro, porque recebe a visão do estrangeiro. Ao sentir o que talvez o outro sinta, ao se outrar, acaba por conceber uma nova visão da realidade.

Ao proceder o desdobramento interior, o poeta pagava o preço de sua despersonalização, da desintegração do ego, fazendo dele um ser uno e divisível ao mesmo tempo. Desse contínuo desdobramento, dessa cisão do “eu” é que surgem os heterônimos pessoanos, que habitam o seu íntimo e o tornam um e vários simultaneamente. É mediante esse processo heteronímico que Pessoa se habilita a ver o mundo como os outros o vêem, tentando uma apreensão da complexidade do real. Em parte, aquele que vem de outra cultura, também tenta apreender a nova realidade de seu novo país. Sentir o Brasil como um brasileiro o sente. E o brasileiro sentir o que o imigrante sente. Embora a complexidade seja profunda, não integralmente, mas, em parte, haverá a captação de pelo menos algo emocional dessas realidades tão diversas.

12. Luis Carlos Restrepo, *El Derecho a la Temura*, p. 26.

O poeta multiplica-se em heterônimos, que podemos considerar fundamentais ou primordiais porque expressam as cosmovisões arquetípicas, símbolos das infinitas visões de mundo individuais. Os heterônimos veiculam mais cosmovisões, perspectivas da realidade a partir do processo de despersonalização do poeta. É a ânsia profunda de conhecer que está em sua raiz e cada heterônimo visa a uma forma específica de penetrar no labirinto do conhecimento, na tentativa de apreender o real, a realidade. Nessa despersonalização, pode ocorrer que muitos se “sintam” realmente brasileiros e assimilem a nova realidade.

Assim, o poeta está num constante processo de “fingir-se” que não é ele próprio, que é outro. Sua identidade, se realmente existe, está em poder fingir-se outro. O “eu” fingir-se “outro” para melhor conhecer-se e conhecer o real.

O coração, entendido em seu poema Autopsicografia, como a sede dos sentimentos, das emoções, é o comboio de corda que gira a entreter a razão. Ele exerce a função de distrair a razão. A razão não está ausente, mas distraída, e, assim, põe em funcionamento outro mecanismo a imaginação. A razão lida com a não-emoção, o não-sentimento. Se a razão prevalecesse não haveria poesia. É pelas sensações / emoções que a realidade se imprime no sujeito.

Esse imigrante “sente” sempre, de alguma forma, sua pátria de origem, porque suas emoções o farão reconstruí-la, idealizá-la, amá-la talvez mais, embora possa haver um lado negativo; muitos vieram por causa de guerras e suas lembranças serão de dor e destruição. Mas, ainda, assim, é sua pátria. O poeta Drummond referindo-se à sua cidade natal escreveu o seguinte verso: “Itabira é apenas uma fotografia na parede. Mas como dó!”¹³.

5.5. A Imigração pelas veredas de si mesmo

Assim, cada imigrante, como ser biopsicossocial, inserido numa cultura determinada, traz em si cosmovisões ricas e diversas que, em contato com a nova cultura se remodelarão, se auto-afirmarão, se modificarão e entrarão numa interação tal que ele não será mais o mesmo.

Ocorrerá nele uma cisão, até mesmo uma ambigüidade, bastante diferente da shakespeareana. Se para Hamlet, a questão é “To Be or not To Be”, isto é, ele precisa decidir perante uma alternativa. Para Riobaldo, personagem de Grande Sertão Veredas, de Guimarães Rosa, a conjunção é aditiva –Ser e não Ser. Postula-se aqui a lógica da contradição, do relativismo de Kant. Riobaldo não pode optar. “O diabo existe e não existe”. “É e não é. O senhor ache e não ache. Tudo é e não é...”¹⁴.

Esse viajante do universo roseano percorre um caminho diferente de D. Quijote. Este se movia da narrativa para a vida. Riobaldo move-se da vida para

13. Carlos Drummond de Andrade, *Sentimento do Mundo*, p. 135.

14. Guimarães Rosa, *Grande Sertão Veredas*, p. 13.

a narrativa. É sua experiência do vivido que o leva à especulação do acontecido. E ele diz: "Contar é muito dificultoso". "É assim que eu fui". "Era assim que eu sou"¹⁵. Por isso, seu recorte da realidade vivida, sua interpretação dessa realidade pelo seu ato de narrar o leva para a mais complexa das travessias: a travessia de si mesmo e para si mesmo. Necessita lidar com suas lembranças, desejáveis ou não, e ter consciência das sensações e emoções associadas a elas. "Travessia perigosa, mas é a da vida"¹⁶.

"O senhor... mire. Veja: o mais importante e bonito do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas estão sempre mudando. Afinam ou desafinam"¹⁷. Essa fala expõe com uma profundidade ímpar esse sentido de alteridade, de constante mutação e movimento do ser na travessia da própria vida.

Esse ser humano inacabado está sendo feito na travessia de si mesmo e da própria vida. Tal alteridade, presente em todo o ser humano, no imigrante, em particular, traduz-se numa concretude, faz parte de sua "realidade emocional", em algo experimentado, vivenciado, posto que ocorreu física, psicológica, emocional, social e culturalmente.

Essa mudança é tão impactante que esse imigrante, se é basco, já não mais será apenas basco. É, agora, também, brasileiro; um basco-brasileiro. Sua realidade de basco está agora impregnada da brasileira. Ele é e não é basco. Ele é e não é brasileiro. É "outro", porque se "outrou" na nova cultura. O que é ser basco? O que é ser brasileiro? O que é ser basco-brasileiro? Os semas contidos nessa expressão podem dar conta desse "novo eu"?

Como imigrante que sou, em meu íntimo, instaura-se uma dualidade profunda. Minhas raízes fazem parte de minhas emoções mais profundas; minha realidade transmutou-se. Trago em meu ser a confluência de três nacionalidades: a portuguesa, a espanhola e a brasileira. Embora semelhantes, mesma origem ibérica, tão diferentes e tão únicas cada uma. O que sou eu? Ao tentar me "outrar" é que sou mais "eu" mesma e posso viver mais intensamente.

Nessa "realidade emocional", que se instaura pela superposição de duas "realidades" no plano subjetivo, os fatos adquirem importância a partir do ponto de vista do indivíduo. "A presença contínua de algum outro estímulo, que relembre uma determinada pessoa ou situação, poderá fazer a memória ser reativada"¹⁸.

Esse imigrante partiu de um determinado lugar (espaço), num determinado momento histórico (tempo) para um novo espaço-tempo; muitas lembranças e sensações estarão sempre em seu interior. Essa travessia, de mover-se de um

15. Guimarães Rosa, op. cit., p. 24.

16. Ibidem, p. 506.

17. Ibidem, p. 21.

18. Alfredo Correia Soeiro, *Realidade Emocional*, p. 27.

espaço-tempo a outro, não é simplesmente no plano físico, material, espacial. Supõe uma travessia muito mais ampla de encontro com o “outro”, com a realidade física e concreta, mas também com a emocional dele próprio e do “outro”. É a travessia pelas veredas desconhecidas de si mesmo.

O imigrante contribui com suas experiências transculturais, que ele transpõe para esta nova realidade. Esta nova realidade interage com sua realidade de origem. Seu referencial é sua origem; é a partir de sua nacionalidade, de sua cultura que ele irá interpretar a nova realidade. As lembranças de sua terra sempre lhe evocarão sensações profundamente registradas em sua memória, que, de acordo com a terminologia do Dr. Soeiro, de certa forma, permitem-lhe recriar a realidade, construindo versões dessa realidade.

O imigrante, inconsciente ou conscientemente, faz uma “leitura” dessa nova realidade e uma “(re) leitura” de sua realidade de origem.

Essa (re) leitura dá-se pela mediação da linguagem, porque o homem não pode se defrontar com a realidade sem intermediários. Pressupõe um emissor e um receptor, que compartilham experiências, visão de mundo, desvendamento de realidades, tomando-as “reversíveis”, reelaborando-as e enriquecendo-se mutuamente. Estabelece-se, assim, uma relação pedagógica, como na interação professor-aluno; um espaço artesanal, construído a dois, de troca, de busca. Nesse processo, “aprende-se” uma outra forma de humanidade, a prática da construção social da realidade pela instrumentalidade da linguagem. É pela linguagem que as experiências comuns se tornam acessíveis.

5.6. O Idioma – base da unidade cultural

A base da unidade cultural existente no Brasil é o idioma de Camões. A língua é a raiz da cultura e o seu veículo, portanto com uma participação decisiva no processo formador de qualquer sociedade. O fenômeno lingüístico leva-nos a uma unidade fundamental, apesar da diversidade das fontes formadoras de nosso povo.

Cada ser humano constrói o eu e o mundo a partir da língua materna, formando suas concepções e personalidade. É a língua que nos permite entender o mundo e cada língua tem uma forma especial de representação da realidade. Por isso, a língua materna desempenha um papel decisivo na construção da personalidade do ser humano e de sua cosmovisão.

O imigrante traz em si as suas concepções e visão de mundo peculiar ao seu universo antro-po-cultural de origem. Na nova pátria, há uma nova realidade recortada por uma nova língua. Inicia-se outro processo de “alfabetização”, de aprendizagem de uma nova língua e conseqüentemente de uma nova realidade. Novas experiências farão sentido e serão pertinentes pela aprendizagem dessa

nova língua e cultura que ela veicula. Serão experiências internas, sensoriais, emocionais, intelectuais, culturais, neurológicas, políticas e econômicas.

Ao mesmo tempo, encontra-se como que “exilado” de sua língua e comunidade, uma limitação que lhe impede de contar sua história, porque não tem a palavra para nomear; terá que usar o novo código para poder comunicar-se.

A limitação da palavra significa a limitação também de sua identidade, de sua pátria, de seus referentes. Talvez não perca sua língua materna, mas seu recorte da nova realidade será feito por uma nova língua, que lhe aportará novas visões, novos modos de ser e de dizer-se.

A Espanha, por exemplo, é uma sociedade multiétnica, num Estado unitário, com conflitos interétnicos. Verificamos a coexistência do castelhano, língua espanhola oficial, com as línguas das comunidades autônomas: o euskara no País Basco, o catalão na Catalunha e o galego na Galiza.

O fato de existirem outras línguas configura outras visões de mundo, outros recortes da realidade a partir de códigos lingüísticos diferentes, ainda que todos utilizem uma língua comum – o castelhano. Se a “minha pátria é a língua portuguesa” (Fernando Pessoa), (entenda-se por a língua materna de cada falante, a língua que, de fato, fala ao coração), o euskera é a “pátria” dos bascos, onde quer que se encontrem; da mesma forma, o galego e o catalão. Significa que, embora, haja uma língua de comunicação comum a todos as etnias na Espanha, muitos bascos, galegos e catalães não poderão dizer que a “sua pátria é a língua castelhana”.

Diferentemente, no Brasil, os sertanejos do Nordeste, os caboclos da Amazônia, os caipiras, os gaúchos do Sul, os nipo-brasileiros, os ítalo-brasileiros, os basco-brasileiros, etc, todos eles estão integrados em uma única língua nacional, constituindo uma nação unificada, cuja língua é o português (do Brasil). A única exceção são os povos indígenas, cuja existência aporta a biodiversidade lingüística siempre necessaria ao ser nacional.

O português, cuja origem está vinculada à corrente galaico-portuguesa afastou-se a tal ponto que originou uma nova nacionalidade, que acabou por desvincular-se politicamente da Espanha, constituindo-se num Estado independente.

Os brasileiros, embora diferenciados em suas matrizes raciais e culturais, tanto como descendentes dos antigos povoadores ou de imigrantes recentes, **se sabem, se sentem e se comportam** como uma só gente, uma só etnia, no dizer de Darcy Ribeiro (grifos nosos).

Para Roland Barthes, o código lingüístico é o instrumento de “pensar o mundo”. Por meio dele, o homem integra todos os dados de sua experiência e se integra ele próprio nesse universo, que é uma visão particular dele, como grupo e, até certo ponto, como indivíduo.

O conhecimento desse universo dá-se somente através de uma visão lingüística; a função de estruturar num sistema as relações entre o homem, o outro (seu interlocutor) e o universo, integrando-o nele e estabelecendo vários eixos de comunicação é a mais importante do código.

A análise do universo antro-po-cultural, formado por todos os dados da experiência humana (biofatos, sociofatos, mentefatos e manufatos), é feita pelo código lingüístico, que consubstancia uma visão de mundo.

O falante-ouvinte vai interpretar, a partir de seu universo, a nova realidade, recortando-a de acordo com sua visão de mundo, calcada na sua língua materna e realidade lingüística. A realidade passa, então, por sua visão particular, que atua como filtro dessa realidade e, assim, ocorre a reelaboração de suas concepções, a interação com novas visões de mundo, com um novo universo, que sofrerá sua interpretação. Se esse processo ocorre entre falantes-ouvintes de uma mesma língua materna, posto que cada um tem sua história particular de vida, no caso de um imigrante, o processo torna-se bastante mais complexo, pois a realidade antro-po-cultural e o código lingüístico são diversos. As angústias do imigrante quanto à identidade, à “perda” da língua materna são fatores muito importantes a considerar.

5.7. Pluralismo da Cultura Brasileira

Ao falarmos em Pluralismo da Cultura Brasileira, podemos constatar que as constantes levas de imigrantes mesclaram-se de tal forma num amálgama cultural porque encontraram aqui as condições propícias para tal. Ao mesmo tempo que contribuíram com seus usos e costumes, também sofreram e aceitaram as influências de sua nova pátria. Esta pluralidade, que permite acolher o “outro” como é, possibilitando-lhe integrar-se, faz parte de nossas condições étnicas e históricas; nossa própria formação foi plural, constituída pelas várias matrizes como aponta Darcy Ribeiro.

“A sociedade e a cultura brasileiras são conformadas como variantes da versão lusitana da tradição civilizatória européia ocidental, diferenciadas por coloridos herdados dos índios americanos e dos negros africanos. O Brasil, emerge, assim, como um renovo mutante, remarcado de características próprias, mas atado genesicamente à matriz portuguesa, cujas potencialidades insuspeitadas de ser e de crescer só aqui se realizaram plenamente”¹⁹.

“Conquanto diferenciados em suas matrizes raciais e culturais e em suas funções ecológico-regionais, bem como nos perfis de descendentes de velhos povoadores ou de imigrantes recentes, os brasileiros se sabem, se sentem e se comportam como uma só gente, pertencente a uma mesma etnia”²⁰.

19. Darcy Ribeiro, *O Povo Brasileiro*. p. 20.

20. *Ibidem*, p. 21.

O cerne luso-afro-ameríndio, que já representava em si o resultado de uma poderosa miscigenação, foi forjando a identidade nacional, dotando-a de uma receptividade/capacidade para receber o forte impacto das diversas levas imigratórias, tendo na unidade da língua portuguesa um de seus fatores determinantes.

A contribuição dos imigrantes aos nossos usos e costumes merece destaque e um estudo exaustivo. Desde a gastronomia, passando por contribuições relevantes nas ciências e nas artes, contribuições lingüísticas nos modos de falar das diversas regiões, sem contudo constituir dialetos, um dos fatores decisivos da unidade nacional.

Este fragmento de poema de Fernando Pessoa pode ajudar-nos a refletir um pouco mais sobre este “sentir” e “viver” como vários outros. Quanto mais o outro faz parte de minhas sensações, mais completo posso vir a ser. Esse contato é uma forma de enriquecimento mútuo, pois o isolamento conduz à esterilidade das formas culturais e a uma arrogância pessoal e nacional.

“Quanto mais eu sinta, quanto mais eu sinta como várias pessoas,
Quanto mais intensamente, estridentemente as tiver,
Quanto mais simultaneamente sentir como todas elas,
Quanto mais unificadamente diverso, dispersadamente atento,
Estiver, sentir, viver, for,
Mias possuirei a existência total do universo,
Mais completo serei pelo espaço inteiro fora”²¹.

“El conocimiento no está ni aquí ni allá, ni en el sujeto ni en el objeto, sino en un lugar intermedio, lugar de la interacción y la construcción conjunta. “Convivir en un ecosistema humano implica una disposición sensible a reconocer la diferencia, asumiendo con ternura las ocasiones que nos brinda el conflicto para alimentar nuestro crecimiento”²². Esse (re)conhecimento de uma construção conjunta, de uma intersecção de espaços interpessoais, de uma interdependência ecológica leva cada um de nós a captar de forma íntima a alegria e a dor do outro, porque podemos compartilhar esse alimento afetivo e, ao mesmo tempo, proporcionar o crescimento da diferença, sem coibi-la. Abrir-nos à linguagem da sensibilidade, deixar que sejamos contaminados pelo contexto do outro, faz de nós melhores seres humanos.

De certa forma, talvez o sentido do Pluralismo da Cultura Brasileira resida nessas implicações, nesses que-fazeres em conjunto, nessa abertura para com o outro.

21. Fernando Pessoa, *Poemas Escolhidos*, p. 324.

22. Luiz Carlos Restrepo, op. cit., p. 141, 143.

5.8. Convivência Inter-racial no Brasil

Cabe salientar que o racismo no Brasil apresenta uma forma peculiar, porque as uniões inter-raciais, aqui, sempre foram aceitas. O povoamento aqui não se deu por famílias européias já formadas, mas do cruzamento de alguns poucos brancos (o homem português) com mulheres índias e negras. Na nossa gênese, já somos mestiços; nossa constituição parte da mestiçagem. Portanto, o racismo não atua como força segregadora, mas antes integradora. O que segrega os brasileiros são as barreiras sociais, sua divisão entre ricos e pobres.

Gilberto Freire, autor do clássico *Casa Grande & Senzala*, advoga a tese de que a mistura de raças e culturas foi não apenas positiva para o país, como fundou a nova nacionalidade. A cor da pele e a diversidade de usos e costumes atuam como agentes de complementaridade numa unidade plural.

Por isso, quando o Brasil começou a receber os contingentes de imigrantes, a população nacional, do ponto de vista étnico, já estava definida. Assim, a absorção cultural e racial dos imigrantes não representa grande impacto; ao contrário, incorporou-se e assimilou-se à população local, transformando-se mais os imigrantes do que o povo que aqui vivia.

Darcy Ribeiro aponta algo importante na formação do povo brasileiro. Para ele, “a confluência de tantas e tão variadas matrizes formadoras poderia ter resultado numa sociedade multiétnica, dilacerada pela oposição de componentes diferenciados e imiscíveis. Ocorreu justamente o contrário, uma vez que, apesar de sobreviverem na fisionomia somática e no espírito dos brasileiros os signos de sua múltipla ancestralidade, não se diferenciavam em antagônicas minorias raciais, culturais ou regionais, vinculadas a lealdades étnicas próprias e disputantes de autonomia frente à nação. Os brasileiros se integram, assim, em uma única etnia nacional, formando um só povo, numa nação unificada, num Estado uni-étnico”²³.

A unidade étnica, no entanto, não significa uniformidade, visto que encontramos diversificações devido a fatores de ordem econômica e ecológica. Uma certa unidade cultural e nacional não impedem, porém, que haja uma profunda distância social, gerada pelo tipo de estratificação que o próprio processo de formação produziu, exacerbando e tornando intransponíveis as distâncias sociais mais que as diferenças raciais.

Portanto, sob a unidade étnico-cultural e nacional, o distanciamento social é que produz as tensões entre as classes sociais. O processo de fusão racial e cultural que identifica um povo de 175 milhões de habitantes tem na estratificação social desse mesmo povo sua mais cruel contradição e antagonismo. Os brasileiros não estão divididos por etnias ou raças, mas por serem ricos, pobres e miseráveis.

23. Darcy Ribeiro, op. cit., p. 21.

Uma interação histórica bem sucedida, o predomínio do afeto nas relações interpessoais, um alto grau de porosidade social entre os opostos, entretanto, não se traduziu em justiça social, distribuição de riquezas e pleno acesso à cidadania, pois ainda hoje muitos brasileiros são estrangeiros em seu próprio país. Grande desafio temos como povo. Integrar, de fato, todos os brasileiros. Capazes de criar um clima de tanta receptividade, necessitamos superar nossas injustiças sociais, promovendo um espaço social ético, baseado na legitimidade desse outro excluído, que lhe possibilite fazer parte, inserir-se de fato e de direito como cidadão.

A construção da identidade do outro em meio a uma cultura pluralista aponta para uma valiosa contribuição humanística, que enriquece a ambos, enquanto sujeitos de um processo de aprendizagem rico, verdadeiramente pedagógico. “O homem é o único ser que se sente só e é o único que é busca de outro. O homem busca e aspira a se realizar no outro. O homem é nostalgia e busca de comunhão”²⁴. Esse aspecto de “ser humano” dá-se no âmbito individual, nesse busca incessante que cada um de nós faz sempre por relacionar-se e que deve traduzir-se na inclusão, em âmbito social, daqueles que não fazem parte de tal espaço. Nosso pluralismo, nossa afetividade para com o outro somente alcançará sua expressão máxima se pudermos incluir os esses excluídos.

24. Octavio Paz, op. cit., 175.

BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Antonio Suárez. *A Arte de Argumentar. Gerenciando Razão e Emoção*. 3ª ed. São Paulo: Ateliê, 2001.
- ALVES, Rubem. *Conversas com quem gosta de ensinar*. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1984.
- ANDRADE, Mário de. *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1988.
- ANDRADE, Carlos Drummond. *Sentimento do Mundo*. R. de Janeiro: Record, 1999.
- CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Tecnoprint S.A.
- COTRIN, Gilberto. *História e Consciência do Brasil*. São Paulo: Ed. Saraiva.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *Toponímia e Antroponímia no Brasil*. São Paulo: FFLCH, 1992.
- Enciclopédia Encarta*. Microsoft, 1999.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1983.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora S.A., 1976.
- *Visão do Paraíso*. 2ª ed. São Paulo: Cia Ed. Nacional/Edusp, 1967.
- LEITE, Dante Moreira. *O caráter nacional brasileiro*. 4ª ed. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1983.
- MATURANA, Humberto. *El Sentido de lo Humano*. 8ª ed., Santiago de Chile: Dolmen Ediciones S.A., 1997.
- MÉTRAUX, Alfred. *A Religião dos Tupinambás*. 2ª ed. São Paulo, Ed. Nacional/Edusp, 1979.
- PAZ, Octavio. *O Labirinto da Solidão*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- PESSOA, Fernando. *Poemas Escolhidos*. 2ª ed. Biblioteca Ulisseia de Autores Portugueses.
- REALE, Miguel. “A imigração e a cultura brasileira” O Estado de São Paulo: 03-03-2001, p. A2, Espaço Aberto.
- REALE, Miguel. “Pluralismo da cultura brasileira” O Estado de São Paulo, 17-03-2001, p. A2, Espaço Aberto.
- RESTREPO, Luiz Carlos. *El Derecho a la Ternura*. Barcelona: Nexos Península, 1997.
- RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro. A formação e o sentido do Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- ROQUETTE-PINTO, Edgar. *Ensaio de antropologia brasileira*. 3ª ed. São Paulo: Ed. Nacional/Ed. Universidade de Brasília, 1982.
- ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. 20ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- SOEIRO, Alfredo. *Realidade Emocional*. São Paulo: Ed. Senac, 1999.
- TAVARES, Luís Henrique Dias. *História da Bahia*. S. Paulo: Ed. Unesp., 2001.